

Revista de Comunicação e Linguagens

Vol. (2025)

ISSN 2183-7198 (electrónico/online)

DOI (volume): <https://doi.org/10.34619/nzc0-f1bq>

Homepage: <https://revistas.fcsh.unl.pt/index.php/rci>

Toda pedra pode ser oceano: experimentos sobre o "fetichismo" enquanto arquivo

Lior Zisman Zalls 

Como Citar | How to cite:

Zalis, L. Z. (2025). *Toda pedra pode ser oceano: experimentos sobre o "fetichismo" enquanto arquivo*. *Revista De Comunicação E Linguagens*, (62), 44-72. <https://doi.org/10.34619/xvrd-6est>

DOI: <https://doi.org/10.34619/xvrd-6est>

Editor | Publisher:

ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA

Direitos de Autor | Copyright:

Esta revista oferece acesso aberto imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

Toda pedra pode ser oceano: experimentos sobre o “fetichismo” enquanto arquivo

*All stones can become oceans: experiments
on “fetishism” as archive*

LIOR ZISMAN ZALIS

Centro de Estudos Sociais / Universidade de Coimbra, Portugal
liorzalis@gmail.com

Resumo

Este artigo propõe uma investigação crítica do conceito de “fetichismo” por meio de experimentações conceituais e metodológicas com o arquivo colonial. Ao mobilizar categorias como “linha”, “impressão” e “máquina dialética”, busca-se escavar as camadas históricas, políticas e epistemológicas do termo, pensando-o como campo de disputa e invenção. Imagens históricas e etnográficas são acionadas como operadores críticos, compondo uma montagem visual que tensiona o texto e amplia sua potência reflexiva. A partir de autores como William Pietz, Walter Benjamin, Suely Rolnik, Jacques Derrida, Jean-Luc Nancy e Georges Didi-Huberman, o texto articula uma gramática experimental do arquivo, sugerindo formas de reativação das memórias silenciadas do fetichismo e seus usos desviantes. Trata-se, assim, de um exercício poético-político de invenção de memória, que reivindica o fetichismo como território instável, residual e insurgente.

Palavras-chave

fetichismo | arquivo | memória | máquina dialética | imagens

Abstract

This article offers a critical investigation of the concept of “fetishism” through conceptual and methodological experiments with the colonial archive. By mobilizing categories such as “line,” “impression,” and “dialectical machine,” it seeks to excavate the historical, political, and epistemological layers of the term, approaching it as a field of dispute and invention. Historical and ethnographic images are activated as critical operators, composing a visual montage that challenges the text and expands its reflective power. Drawing on authors such as William Pietz, Walter Benjamin, Suely Rolnik, Jacques Derrida, Jean-Luc Nancy, and Georges Didi-Huberman, the text articulates an experimental grammar of the archive, suggesting ways to reactivate the silenced memories of fetishism and

Keywords

its deviant uses. It is thus a poetic-political exercise in memory-making, which reclaims fetishism as an unstable, residual, and insurgent territory.
fetishism | archive | memory | dialectical machine | images

Parte I. Arquivos**{Escavar}**

O que implica escavar uma palavra? Revirar a sua terra e investigar suas superfícies em uma jornada por suas fraturas, por outras entradas ou túneis abandonados? Percebem-se as suas deteriorações, estratos e camadas; fissuras, cavidades, fossas e depressões que emergem a cada perfuração. O que parecia liso revela-se estriado, não homogêneo, acidentado. Como uma extensão cheia de cavidades e buracos, a palavra escavada aparece como um campo complexo, povoado por diferentes paisagens e imagens—uma constelação de camadas de tempo mescladas em geografias heterogêneas, formando um grande campo escavatório. Cada cavação na palavra implica diferentes níveis de penetrabilidade, atravessamentos por substratos que exigem coreografias específicas. Mover-se por as suas ranhuras pressupõe observar o seu tempo enquanto conflitualidade: passados que, junto a diferentes velocidades e movimentos, enfrentam-se no presente. Escavar uma palavra é, antes, um movimento de suspeita—suspeição sobre a tranquilidade dos solos e a intuição de que, debaixo, há linhas que vagam e outras coisas que se movem.

{Produção de linhas}

Este texto é produto de um exercício de arquivo. Enquanto exercício, é um flerte com o equívoco, com o acidente, com o erro. É, também, um gesto obsessivo, ininterrupto, implicado nos tensionamentos das acumulações vertiginosas e nas incessantes tentativas de guardar. Um exercício que começa com a escavação do conceito de “fetichismo” na busca por seus passados coloniais e por memórias que perturbem a sua hegemonia semântica. Mas segue como produção de engenharias poéticas de memória, experimentos com as formas de arquivo e modos de produção e reprodução de passados.

Apresento aqui uma parte de um projeto maior, intitulado *Toda pedra pode ser oceano*¹, que buscou elaborar a noção de “fetichismo” por meio de exercícios de coagulação e experimentação com o arquivo colonial. Neste artigo, trato de conceitos experimentais do arquivo, como o de “linha”, o de “impressão” e o de “máquina dialética”, em diálogo com práticas e conceitos que emergiram ao longo da minha pesquisa em torno do conceito de “fetichismo”. No processo de elaboração dessa gramática de memória, tomaram forma tentativas de encontrar ou fazer sobreviver certas narrativas da história do conceito, vinculando-o a outras palavras, contextos históricos e geográficos. Examino, portanto, operações conceituais e metodológicas em um arquivo do fetichismo, traçando suas linhas de memória e pensando em possíveis operações com o passado.

Nesta primeira parte, “arquivos”, trato de vincular a noção de “fetichismo” com a de arquivo, mencionando algumas particularidades da história do conceito e metodologias que possam explorar sua potência crítica. Em seguida, na parte “linhas”, recupero algumas histórias, textos menores que suscitam percursos da palavra e as suas derivas. Concluo com “máquinas”, onde exploro os conceitos de “impressão” e de “máquinas dialéticas” a partir das “linhas” da parte anterior, pensando em modos de produzir e ativar o campo da memória do conceito de “fetichismo”.

Enquanto exercício de arquivo, este não pretende ser totalizante. Ao acessar algumas histórias descontínuas que não se pretendem narrativas únicas, podemos fazê-las ressoar e criar suas próprias derivas. O objetivo aqui não é compreender os múltiplos sentidos do termo nos contextos em que foi empregado, tampouco determinar o que ele identificava, nomeava ou catalogava nos territórios coloniais². Trata-se, antes, de experimentar o arquivo no seu encontro com a deriva do conceito, explorando como o deslocamento das palavras abre possibilidades político-poéticas. Não apenas no âmbito discursivo e textual, mas também no imagético e plástico—como a palavra em trânsito adquire também corpo, texturas, paisagens e territórios.

A relação entre “fetiche” e arquivo não é meramente circunstancial. William Pietz, um dos primeiros a tratar sobre o tema, dedicou alguns textos a uma arqueologia do fetiche, palavra de “*pedigree sinistro*” (1985b, 6)³. Esse objeto-conceito-metáfora possui uma semântica inquieta, impossível de estabilizar conceitualmente devido aos seus trânsitos históricos, geográficos e disciplinares. A história do conceito “fetichismo” trabalha incessantemente contra qualquer tentativa de totalização semântica de forma que não pode ser pensada como um “*modelo ou verdade anterior ou exterior a este mesmo*

1 “Toda Pedra pode ser oceano” foi um projeto desenvolvido no âmbito da Bolsa de Investigação Artística de La Escocesa (2019-2020) e do Programa de Estudos Independentes do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (PEI-MACBA) (2017-2018).

2 Dentre os trabalhos mais recentes destacados sobre o tema, além da própria pesquisa de Pietz, podemos mencionar Menard, 2023; Matory, 2018; Moris, 2017; Iacono, 2016; Brivio, 2015; Newell, 2014; Jappe, 2014; Bohme, 2014; Spyer, 2013; Sansi, Parés e Sansi, 2011; Taussig, 2010; Keane, 2007; Sansi, 2007 e outros.

3 Todas as traduções dos textos de William Pietz são do autor.

arquivo” (*Idem*). Por meio de uma “*abordagem histórico-linguística*” (*Ibid*, 15), o autor sugere que a condição histórica do fetiche o vincula necessariamente à criação de um arquivo, um arquivo de seus usos particulares, que faz aparecer funções, corpos, objetos, discursos, terras e impérios que não apenas o acompanharam, mas que se acumulam em seu sentido, constituindo-o.

Sua abordagem situa a história do conceito para explorar sua complexidade e condiciona seu significado ao arquivo que dele é produzido, como se o “fetichismo” fosse, em última análise, a coagulação dos seus usos ou, conforme Pietz (*Ibid*, 6), uma “*série totalizada dos seus usos particulares*”. Propõe esse exercício não para compreender o que, de fato, “fetichismo” significa, sua “*dúvida conceitual e a sua incerteza referencial*” (*Ibid*, 15), mas para identificar o que no termo se condensa e se move. Trabalha justamente a instabilidade e a intraduzibilidade que acompanham a história do conceito não para pensar no que ele de fato é, mas naquilo que o acompanha.

Tomando a história do conceito, podemos também refletir sobre as disputas em torno de sua narrativa e questionar se existe uma história vitoriosa do fetichismo, uma memória que insiste e presentifica o mesmo passado. Quando Walter Benjamin escreve sobre um tempo homogêneo e infinito, do progresso que nunca cessa (2013), seria possível estender essa análise à construção de sentidos e imagens históricas? Haveria sentidos vencedores — políticos, filosóficos e epistemológicos — do fetichismo, que seguem um progresso contínuo, deixando outras memórias em ruínas, acumulando restos sem fim? Quantas catástrofes se escondem por trás do fetichismo e de sua história vitoriosa? Quais passados são atualizados quando usamos essa palavra?

Essa palavra carrega em si algo múltiplo, nômade, migrante, expropriado: ela vagueia desde tempos remotos por corpos, práticas, bocas e páginas de diferentes autores. Demanda, portanto, uma abordagem igualmente nômade, um mergulho em sua multiplicidade para revelar as suas rachaduras, as suas linhas e navegações desconhecidas. No conceito há passados que disputam sua legibilidade no presente. Tempos que sobrevivem no arquivo coagulado da palavra. O “Fetichismo”, nesse sentido, pode ser pensado enquanto indicador de sobrevivências, um ponto de rastreio de outras memórias, um território para ser escavado. Para isso, exige-se trabalho manual. Articulação de sedimentos e a indicação no terreno do presente do sítio onde cada vestígio foi encontrado. Comportar-se como alguém que escava (Benjamin 2012, 245), que extrai do material as camadas do tempo à medida que as atravessa. Através do “fetichismo”, podemos também compreender os processos histórico-políticos e sócio-culturais que acompanham a formação dos conceitos do nosso léxico político e pensar sobre como trabalhar suas memórias junto aos arquivos que acumulam. Na busca por suas memórias, na ativação de seu arquivo, aparecem sempre novos restos.

Mariana Botey e Cuauhtémoc Medina, no texto *Em defesa do fetiche* (2010, 8), sugerem que essa residualidade, essa produção incessante de sedimentos deixados para trás, não é apenas uma questão de história, mas epistemológica. Ela conforma a própria ideia de “fetichismo” porque o conceito está intimamente ligado à construção da

mitologia da racionalidade ocidental e, desde sua origem, tem sido mobilizado como um mecanismo de diferenciação e hierarquização entre formas de conhecimento, sujeitos e sociedades. Enquanto noção que estrutura uma alteridade radical ao projeto do sujeito iluminista, é utilizado para desqualificar formas de pensamento, práticas e relações materiais associadas a povos, em sua maioria, não europeus.

“Fetichismo” operou justamente dentro da historiografia da filosofia e das ciências humanas como um instrumento de distinção entre um ideal hegemônico de humanidade e aqueles relegados à condição de “outros”. Ao analisá-lo historicamente, podemos perceber como o “*desenvolvimento intelectual*” europeu se fundamentou na representação da “*irracionalidade do heterogêneo*” (*Ibid*, 12), vinculando-a ao selvagem, ao perverso e ao poético, categorias que justificaram projetos coloniais e epistemológicos hegemônicos.

Como indicador de alteridades radicais, a contra-cara do Iluminismo, daquilo que constitui o que dele está fora, o “*resíduo crítico da razão*” (*Ibid*, 8), “fetichismo” é uma zona de distúrbio, um lugar fora da fronteira do racional e do comensurável. Sua condição residual e de “*montagem necessária de fragmentos*” (*Ibid*, 14), no final, é uma acumulação de formas de vida negadas por lógicas racionalistas ocidentais. “*Abrir a cripta do fetichismo*”, como sugerem, significa transformar a história em um campo de disputas e experimentação, onde a experiência, o engano, a falha e a opacidade substituem a linearidade de um iluminismo inacabado (*Ibid*, 12). Nesse sentido, o conceito não apenas carrega a marca de uma violência histórica, mas oferece possibilidades de desvios, subversão e outros imaginários político-poéticos que nele permaneceram inauditos.

A história da palavra não é, portanto, uma linha progressiva, mas uma constelação. Linhas que ao serem articuladas e desarticuladas, atualizam passados da palavra e, com isso, criam novos territórios conceituais. Gilles Deleuze sugere que os fluxos, as linhas e os mapas são elementos constitutivos das coisas e dos acontecimentos, cada um com sua geografia, cartografia e diagrama (Deleuze, 1999, 55). As palavras, por sua vez, podem ser fruto da interação desses fluxos ou parte na criação de outros. Rearticular essas linhas seria uma forma de trabalhar com um arquivo em expansão.

Acionar o conceito de arquivo a partir do seu modo de produção, é pensá-lo enquanto aparato tecnológico. Ele opera sobre a sedimentação e dispersão dessas linhas, possibilitando uma rearticulação histórica e a abertura do presente para a construção de outros territórios. Como operação sobre as linhas, essa tecnologia permite uma externalidade, ou seja, sua capacidade de se conectar com outros arquivos e, consequentemente, com outras linhas. Enquanto trabalho de memória, todo arquivo é fazer-arquivo, uma reunião e ordenamento de linhas. Disposição, mas também movimento, ao menos para colocá-las para peregrinar, para atravessar os tempos e encontrar outros territórios.

Proponho aqui pensar o arquivo enquanto máquina, uma “máquina dialética” como veremos mais adiante. Uma máquina que não cessa de inventar novas possibilidades de ordenar o tempo ou de conjugar-lo. E também uma máquina que toma o presente como ficção. Na própria possibilidade de ficcioná-lo ou remontá-lo, ela é inventário e

invenção. “Máquina dialética”, aqui, surge como um aparato conceitual, tático e performativo para pensar não apenas no arquivo do fetiche, mas nas possibilidades estratégicas e performativas do arquivo enquanto processo.

{Inventários}

Ao tomar o arquivo do fetichismo como uma “máquina dialética”, a palavra transforma-se em um emaranhado de linhas de memória que, a cada legibilidade no presente, perturbam o que ela é com o que pode ser. Passearemos por algumas dessas linhas, especificamente aquelas que podem abrir-se a outras experiências de inventário e invenção, exercício proposto por Suely Rolnik (2009, 117) junto ao que chama de “*política do inventário*”. Enquanto dispositivo (*Ibid*, 116), sugere que o arquivo é uma forma de criar condições para práticas que ativem experiências sensíveis no presente e desenvolvam novas configurações do inconsciente no campo social, por meio de outros usos da cultura visual e da documentação histórica.

Para Rolnik, imagens e palavras têm a capacidade de ressoar e compor um tecido sensível. Elas provocam inquietações justamente quando retornam do passado para expor e denunciar o presente. Sua aposta por uma “*política de inventário*” trata de práticas que buscam inventariar poéticas, mapear formas e operar como uma cartografia de exposição política (*Ibid*, 117). Ao mesmo tempo cria condições para inventar poéticas e arquiteturas sensíveis que possibilitam reativar memórias silenciadas.

Se, como sugere Rolnik, fazer um arquivo pode inventar presentes, é precisamente porque os objetos e as palavras não são pontos fixos, mas campos imensos, cartografias sobrepostas que organizam e desorganizam os mundos. Eles transbordam e se prolongam para além de si mesmos. O arquivo faz com que cada pedra seja um oceano, que tudo que seja estático, movimente-se. Assim como os corpos, as palavras são transportadas e migram. Entre a Europa, a África, a América Latina e as Caraíbas, o “arquivo do fetichismo” é, por sua natureza, um arquivo oceânico. Esse é um exercício de arquivo sobre os trânsitos, linhas que começam a criar um mapa e que formam outras linhas que criam outros mapas. O que nos resta é percorrer e inventar novas linhas.

Parte II. Linhas

{Matar o Pai}

O conceito de fetichismo foi formulado pela primeira vez por Charles de Brosses, um classista provinciano de origem aristocrática decadente (Pietz 1985a, 86), em 1756, e aprofundado em sua obra *Du culte des dieux fétiches ou Parallèle de l'ancienne religion*

No texto, de Broses descreve o fetichismo como uma crença absurda e ridícula, uma mistura de medo e ignorância que o leva a associar essa alteridade fetichista à de uma criança. A desordem nas ideias políticas, materiais e espirituais, a incompreensão das relações de causa e efeito e a atribuição de subjetividade a certos objetos conformam a sua visão sobre a alteridade do sujeito fetichista (Morris, Leonard, e de Broses 2017, 101). É interessante notar que este autor nunca deixou a Europa e construiu toda a sua teoria do fetichismo a partir dos relatos de viagem de etnógrafos, missionários, exploradores e militares brancos e europeus sobre práticas que envolviam objetos e rituais chamados por eles de “fetiche”.

A sua análise limita-se a cruzar essas descrições, voltando-se para um certo arquivo bibliográfico colonial e analisando o estado mental, político e religioso das sociedades visitadas. Ao adicionar o sufixo “ismo” ao fetiche para construir uma análise universalista das sociedades humanas e o seu desenvolvimento progressivo, que culminaria na forma mais avançada, representada pelo “branco norte-europeu”, de Broses cria uma categoria analítica que justifica a supremacia europeia sobre o restante do mundo não europeu, sob a ótica da prática religiosa. Uma teleologia espiritual.

De acordo com de Broses, podemos perceber como essa literatura de viagem, esses relatos sobre os territórios invadidos, não apenas na África, mas no mundo inteiro, servem de base para o que viria a se chamar Ciências Sociais. A contribuição desse autor é uma das linhas de uma trama complexa de relações de poder, linguagem e violência. Através dele, o conceito de fetichismo ganha tal substância que se torna impossível dissociá-lo de sua construção inicial.

{Feitiço, *Facticus*}

A trama histórica do conceito remonta à costa oeste africana, no território denominado pelos colonizadores como Guiné, que se estendia do atual Senegal até os Camarões. Quando os portugueses chegaram a essa região no final do século XV, por volta de 1470, no que hoje é o Senegal, eles identificaram as estátuas, as práticas rituais e os objetos com as práticas idolátricas e heréticas que, em Portugal, eram denominadas feitiçaria e feitiço. Ou seja, essas práticas eram vistas como formas de uma religiosidade pervertida, enganosa e demoníaca. A história da feitiçaria e do feitiço em Portugal tem as suas particularidades, que se diferem da trajetória que o uso da palavra teve nas colônias portuguesas. Contudo, o seu estado semântico nesses territórios deixa marcas profundas no discurso sobre a alteridade colonial. A missão do Império Português era substituir essa teologia subvertida pela “sacralidade verdadeira”, como exemplificado pela queima de objetos rituais dos Bakongo após a conversão do Rei do Congo no século XV (Böhme 2014, 142).

Este protocolo de destruição de ídolos, característico da performatividade bíblica, passa a ser um discurso subjacente ao antifetichismo no espaço colonial, imprimindo nele a marca de uma alteridade radical em relação ao mundo ocidental judaico-cristão



Figura 2

Lopes, D., & Pigafetta, F. (1624). Regnum Congo hoc est vera descriptio regni Africani, quod tam ab incolis quam Lusitanis Congus appellatur (Vol. 1). Frankfurt: Excudebat Erasmvs Kempffer, Theod. de Bry.

européu. Essa ritualidade pervertida — que envolve a construção de falsos ídolos, a adoração do demônio, a produção de objetos, medicinas e estátuas como feitiçaria e feitiço, e, posteriormente, a atribuição a esses objetos do rótulo de fetiche — tem uma relação profunda com a origem latina das palavras envolvidas: *facticius* ou *factitius*.

Facticius se popularizou no vocabulário comercial do império romano para designar objetos feitos com as mãos humanas, em oposição àqueles encontrados na natureza (Pietz 1987, 24). O que é feito e o que se faz. *Facticius* era utilizado, por exemplo, no livro *Historia Naturalis* (77/78 d.C.) de Plínio para se referir a objetos feitos artesanalmente, “coisas feitas”, criadas ou adulteradas, que possuem uma falsa aparência, como uma pedra que parece ser de ouro, mas é falsa (*Ibid*, 25). Nesse contexto, designa uma adulteração com a intenção de enganar, o que remete ao deliberadamente falso. No campo da teologia cristã, *facticius* passou a estar vinculado tanto à prática de idolatria — isto é,

a adoração e fabricação de falsos ídolos — quanto ao uso de medicinas, poções, talismãs e outros objetos de poder. É importante frisar a diferença entre idolatria e feitiçaria, embora ambas pudessem ser associadas a práticas demoníacas e a atos contra a fé cristã (Bethencourt 2004), implicando uma manufatura de corpos adulterados por atos heréticos, impróprios para a atividade espiritual legitimada pela Igreja.

Essa dimensão de “coisa feita” também está incorporada na elaboração marxiana do fetichismo da mercadoria, que é influenciada diretamente por um sentido teológico bíblico (Dussel 1993, 117) de uma idolatria fabricada.⁵ A influência de extratos bíblicos sobre a idolatria na construção analítica desse conceito pode ser evidenciada justamente na construção discursiva que Karl Marx extrai, por exemplo, do Salmo 115:4-7:

Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; olhos têm, mas não veem. Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalparam; pés têm, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta.

Karl Marx escreve: “*É verdade que a província tem o direito de criar esses deuses para si mesma, sob certas condições prescritas, mas, uma vez criados, deve esquecer, tal como o adorador de fetiches, que esses deuses saíram das suas próprias mãos*” (1982, 187). *Facticus*, portanto, não deve ser entendido apenas como a origem etimológica, mas como uma primeira impressão na superfície política do fetichismo.

{Iconoclastia}

A Igreja possuía sua própria prática fetichista, exemplificada no grande comércio de imagens de santos, relíquias, objetos sagrados e abençoados, que funcionava por meio de um discurso institucional sobre manufaturas autorizadas. Quando os portugueses invadem a costa oeste africana, realizam uma série de substituições de estátuas locais por imagens de santos, a construção de padrões em espaços religiosos nativos e diversas interferências materiais por meio de práticas de violência, genocídio e catequese. O Vaticano começa a refinar uma prática política de legitimação de uma materialidade apta aos atos de adoração, um controle econômico, político e religioso que elaborava a legitimidade, a performatividade e o sentido de verdade dos objetos para o exercício espiritual (Pietz 1987, 35). Produz-se, assim, uma rivalidade consequente entre protestantes e católicos no que diz respeito à relação com a materialidade espiritual.

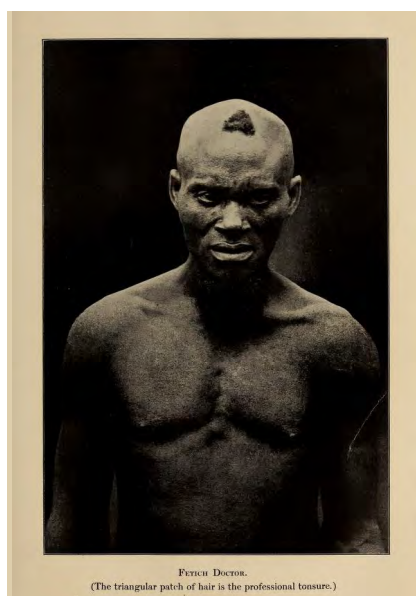
⁵ Tal influência teológica nos escritos de Karl Marx foi explorada por Enrique Dussel no seu livro *Metáforas Teológicas em Marx*, no qual encontra a carga cristã no pensamento marxiano, isso que chamou de uma “teologia metafórica” ou “teologia implícita” (Dussel 1993, 18). Para Dussel, as metáforas que associam o fetichismo ao Demônio, ao Moloch, ao Anticristo, a Besta do Apocalipse constroem um “inconsciente religioso” em Marx (Dussel 1993, 22).



—
Figure 3
Adriaen Pietersz van de Venne.
Fishing for Souls, 1614. Rijksmuseum.
Amsterdam. Holland.



—
Figure 4
Jan Luyken, Beeldenstorm, 1566,
Rijksmuseum. Amsterdam. Holland.



Figuras 5 E 6

Nassau, R. H. (1904). Fetishism in West Africa: Forty years' observation of native customs and superstitions. Young People's Missionary Movement.



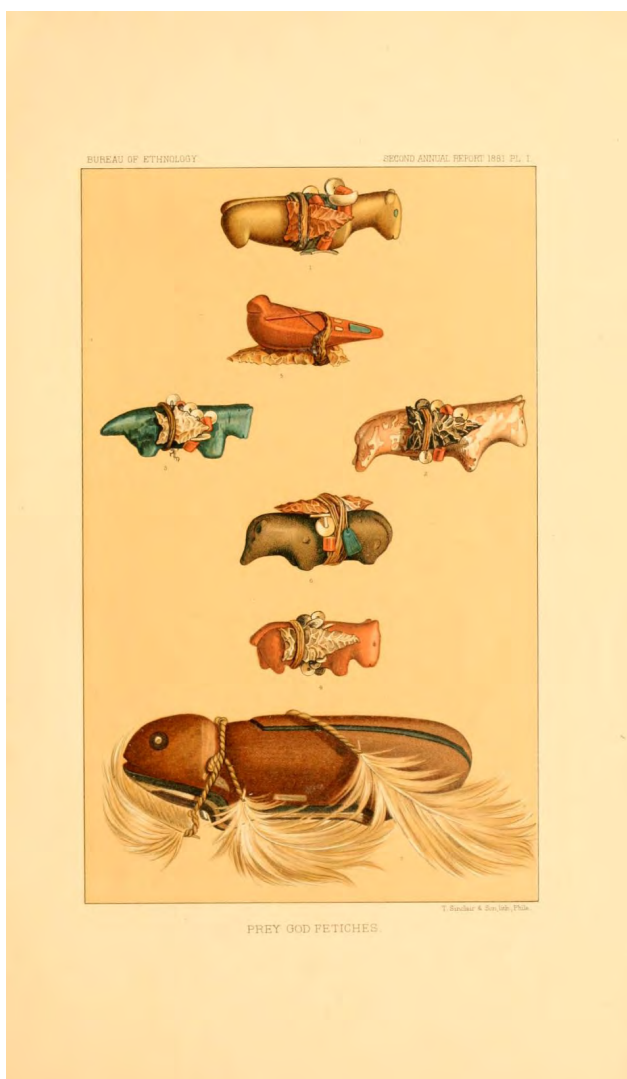
Figura 7

De Marees, P., & Bry, T. de. (1603). Sechster Theil der Orientalischen Indien, Warhafftige historische Beschreibung dess gewaltigen Goltreichen Königreichs Guinea, sonst das Goltgestatt von Mina genandt, so in Africa gelegen. Getruckt zu Franckfurt am Mayn, : Bey Wolffgang Richtern

Na Holanda, podemos observar o *Beeldenstorm* (1556), com a destruição de igrejas, imagens de santos e crucifixos, um desejo de construir outro modo de produção do cristianismo, não fundamentado no sentido de materialidade elaborado pela Igreja Católica. Essa diferença de uma espécie de materialidade corrupta nas mãos da Igreja pode ser percebida no quadro de Adriaen van de Venne, *Fishing for Souls* (1614), no qual dois barcos buscam salvar os seus fiéis em um rio. Os católicos usam objetos de ouro para atrair os seus fiéis, enquanto os protestantes utilizam livros e textos. Para os protestantes, havia uma associação direta entre uma religiosidade materialista e a corrupção do espírito.

Quando os holandeses invadiram os territórios já ocupados pelos portugueses na costa oeste africana, especificamente a tomada do Castelo São Jorge da Mina em 1598, na atual Gana, se depararam com uma realidade religiosa que confundia sua mentalidade, levando-os a associar a corrupção material católica com as práticas religiosas locais da costa oeste africana. O calvinista holandês Pieter de Marees escreve em 1602 sobre a sociedade Akan: “*Penduram também nas suas cinturas diversas tábuas de palha, que atam cheias de feijões, e outros feijões de Veneza, julgando serem os seus Fetissos ou Santos*”; enquanto Willem Bosman, outro holandês, escreve em 1703: “*Se fosse possível converter os negros à religião cristã, os católicos romanos teriam mais sucesso do que nós, porque já concordam em vários aspectos, especialmente em suas cerimônias ridículas*” (apud Pietz 1987, 39).

Os protestantes passaram a tratar muitas religiões da região como uma espécie de



—
 Figura 9
 Cushing, F. H. (1883)
 Zuni fetiches. London



Figura 10

Thomas Astley (ed.), A New General Collection of Voyages and Travels (Londres, 1745-47), vol. 2, placa 68

{Materialismos Desviados}

Como termo amplamente difundido nos contextos de invasão holandesa, inglesa e francesa para descrever certas práticas e objetos, a palavra *fetisso* e suas variações linguísticas aparecem nos textos do século XVII e se distinguem de *feitiço* devido às problemáticas associadas ao valor semântico que o acompanha. À medida que uma certa economia política das palavras se desenvolve — envolvendo relações de poder sobre a tradução, o uso dos conceitos e a produção de seus sentidos —, uma teoria do fetiche (Pietz 1985b, 12) começa a se formar. Esta teoria fundamenta o uso do fetichismo na teoria política moderna. Os fetiches eram associados a composições de materiais heterogêneos, o que reforça sua origem latina *facticius*, ou seja, o que é feito: talismãs, estátuas, poções, amuletos, adornos de corpo, objetos domésticos ou espalhados por espaços públicos. Tratava-se de materialidades desviadas que incorporavam uma dimensão até então desconhecida e desprezada pelos colonizadores. Também é possível identificá-los como uma espécie de ouro misturado com outras substâncias, um ouro falsificado: “*fetish gold*” (*Idem*, 1988, 110).

Para os protestantes, as sociedades africanas construíam seus deuses e objetos religiosos com a primeira coisa que encontravam, uma espécie de religião motivada por uma conjunção fortuita de um desejo momentâneo e passional, objetos encontrados ao acaso. Esse fenômeno foi denominado por Pietz como a “*teoria do primeiro encontro*” (1987, 43). Presente em grande parte da literatura de viagem sobre a África, essa construção discursiva de uma religiosidade sem sentido, ignorante, selvagem e passional está diretamente atravessada pela ideia de fetiche como a elaboração de materiais aleatórios ou inapropriados. Para elaborar uma teoria geral do fetichismo, Brosses escreve:

Esses divinos fetiches não são mais do que o primeiro objeto material que cada povo ou indivíduo achou por bem mandar consagrar cerimonialmente pelos seus sacerdotes: uma árvore, uma montanha, o mar, um pedaço de madeira, uma cauda de leão, uma pedra, uma concha, sal, um peixe, uma planta, uma flor, um animal de uma determinada espécie, como uma vaca, um bode, um elefante ou uma ovelha, enfim, tudo o que se possa imaginar (Morris, Leonard, e Brosses 2017, 48).

Quarenta anos depois, influenciado diretamente por Brosses, Immanuel Kant escreverá, com todo o seu racismo e violência, que:

A religião dos fetiches, muito difundida entre eles, é talvez uma espécie de culto idolátrico que vai tão fundo no insignificante quanto parece possível na natureza humana. Uma pena de ave, um corno de vaca, uma concha ou qualquer outra coisa vulgar, uma vez consagrada com algumas palavras, torna-se um objeto de reverência e de invocação em juramentos. Os negros são muito vaidosos, mas à sua maneira, e tão faladores, que é preciso separá-los a golpes. (1990 [1764], 107)

A teoria freudiana do fetichismo sexual parte da análise de um substituto inapropriado para o objeto de desejo ou das aberrações da pulsão sexual (Freud 1992, 139). Já Karl Marx, refugiando-se na “*região nebulosa do mundo da religião*”, descreve a mercadoria fetichizada como uma “*coisa trivial, evidente [...] cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas*” (1996, 197-198). Antes de *O Capital*, Marx a caracteriza como uma “*religião do apetite dos sentidos*”:

O fetichismo, longe de elevar o homem acima dos apetites, é, pelo contrário, “a religião dos apetites dos sentidos”. A fantasia dos apetites faz com que o adorador do fetiche acredite que uma “coisa inanimada” abandonará o seu carácter natural para aceder aos seus apetites. É por isso que o apetite grosseiro do fetichista destrói o fetiche quando este deixa de ser o seu servo mais submisso. (1982, 224)

O fosso ontológico em relação ao valor das coisas (entre o animado e o inanimado, ou entre o valor alto e baixo) não apenas atravessava a categorização dos objetos, mas também influenciava como essas materialidades se vinculavam aos mundos e sociedades dos “outros”. Nesse sentido, além de uma dimensão teológica, o discurso sobre o fetichismo também se refere a uma estrutura mental (infantil ou pouco evoluída) e a uma estrutura social e institucional (caótica e desordenada) nos contextos colonizados, especialmente em certos territórios da África e em relação às pessoas negras em geral (Pietz 1987, 43).

{Barreiras}

Fetiches não eram apenas objetos ou práticas, mas também crimes, espaços e instituições políticas que funcionavam paralelamente ao poder colonial. As cortes locais do império inglês começaram a adotar o termo “práticas fetichistas” em torno de 1870, como tipo penal e justificativa para reparação civil, usando a expressão “*colocar uma pessoa sob fetiche*” (Pietz 1995, 26). Essa questão estava diretamente vinculada à rejeição das leis inglesas sobre reparação monetária em casos de danos, uma vez que a população nativa buscava medidas alternativas de reparação em cortes paralelas, chamadas pelos ingleses de “casas fetiche”, “tribunais fetiche” ou “sítios fetiche”.

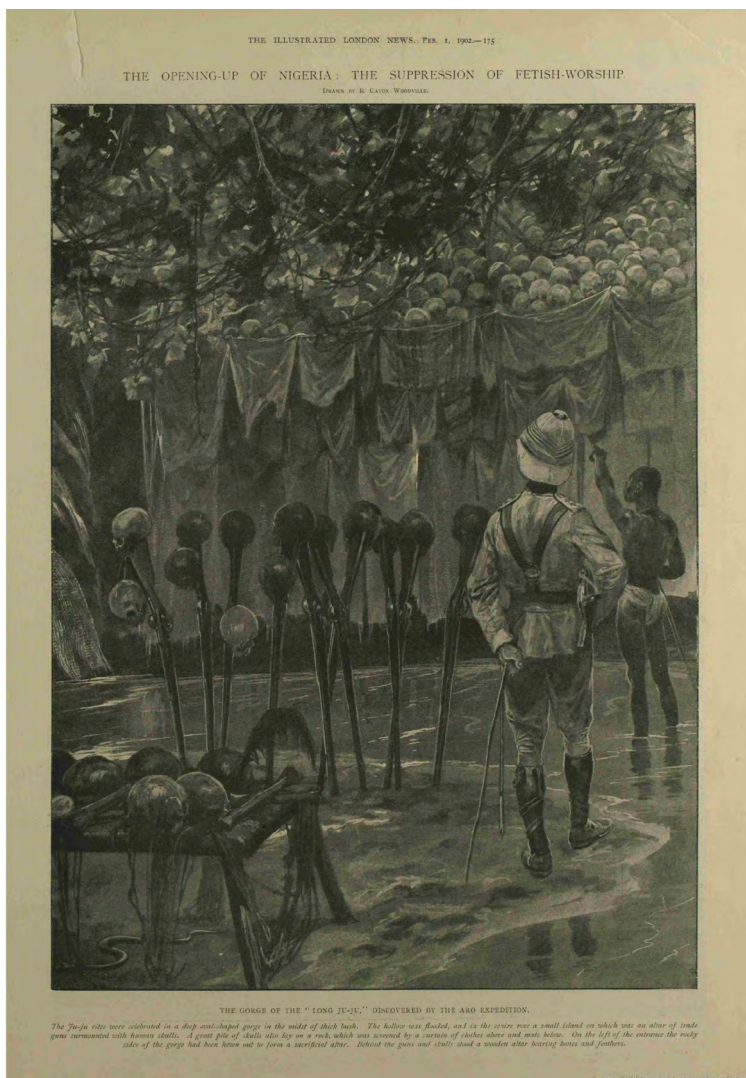


Figura 14

“The Opening-Up of Nigeria: The suppression of fetish-worship”. Illustrated London News. 28 de Fevereiro de 1903, London. Arquivo Digital da British Library



Figure 15
 “The Ashanti Expedition: The fall of the fetish”.
 Illustrated London News. 28 de Fevereiro de 1903. London.
 Arquivo Digital da British Library



Figura 16
 “Fetish tree in a village near Cape Coast castle”. Illustrated London News. 31 de janeiro de 1874. London. Archivo digital de la British Library

Durante a expansão colonial, esses espaços fetichistas se transformaram em centros de encontro e resistência, lugares de comércio local e de poder militar nativo (Pietz 1995, 29). Eram espaços nos quais o poder político nativo era exercido e, por isso, considerados estratégicos para as forças coloniais, tanto em termos de conquista quanto de supressão das práticas locais, pois o controle desses espaços derrubaria a resistência organizada e impediria a perpetuação de práticas que ameaçavam o poder colonial. Um exemplo disso pode ser visto nas imagens da revista *Illustrated London News* de fevereiro de 1902, que ilustram a derrota da resistência nigeriana à invasão inglesa sob o título “*The suppression of the fetish worship*”, e em outra edição de março de 1896, que descreve a derrota dos Ashanti como “*The Ashanti expedition: the fall of the fetish*”.

Dentro dessa análise, é possível perceber que o fetichismo se configurava como um espaço de resistência à colonização europeia. Essa resistência não se limitava apenas à construção de espaços rituais, mas se estendia a práticas locais e comerciais que se opunham tanto à prática mercantil capitalista quanto ao modo de vida do colonizador. Isso implica que o desejo das autoridades coloniais de suprimir o fetiche expressava uma tentativa de controle absoluto sobre a cultura e as práticas sociais, visto que o

fetichismo representava um modo de vida alternativo. Ao considerar uma outra história do fetichismo, enquanto expressão de uma alteridade radical em relação ao projeto ontológico iluminista, é possível identificar novas narrativas de processos revolucionários e resistências que incorporaram a espiritualidade e religiosidade na luta anticolonial. Nesse contexto, o fetichismo surge também como ameaça e conspiração.

{Arma}

O fetichismo também aparece em contextos históricos como o da Revolução Haitiana, na qual o vodu desempenhou um papel central como força ideológica (Fick 1990, 94). Apesar dos esforços para eliminar sua influência na revolução (Meyer, Pels e Dubois 2003, 112), o vodu foi uma ferramenta de conspiração (James 1989, 91). Conforme resgatado por Carolin Fick em seu estudo sobre esse evento histórico, o uso do fetichismo como força revolucionária pode ser observado na captura de um dos insurgentes, quando se encontrou em seu bolso:



Figura 17

William Blake, A Coromantyn Free Negro, or Ranger, armed. 1796. Object 2 (Bentley 499.1), 22.2 x 13.6 cm. Huntington Library, Art Collections, and Botanical Gardens. Copyright © 2024 William Blake Archive. Courtesy of William Blake Archive.

(...) panfletos impressos em França [reivindicando] os Direitos do Homem; no bolso do seu colete havia um grande pacote de estopa e fosfato de cal. No peito, tinha um pequeno saco cheio de cabelos, ervas, pedaços de ossos, a que chamam fetiche (...) e era, sem dúvida, por causa deste amuleto que o nosso homem tinha a intrepidez a que os filósofos chamam estoicismo. (*apud* Fick 1990, 111)

Na mesma Revolução Haitiana, encontramos também uma referência à proibição das práticas de fetichismo devido à sua carga conspiratória. Como escreve Fick, em 1758, antes da eclosão da revolução, foram proibidos o uso de formas de fetichismo (*Ibid*, 63), como a fabricação e distribuição de talismãs, o uso de feitiços malignos, a distribuição de remédios e qualquer substância fabricada por escravizados, livres e “mulatos” (*Ibid*, 70). A existência dessas práticas fetichistas em diversas revoluções anticoloniais ajuda a entender como a espiritualidade aparece como um elemento perturbador da concepção revolucionária iluminista.

As práticas identificadas como fetichistas, como o vodu no Haiti, a santeria em Cuba, a obeah na Jamaica, o candomblé e a umbanda no Brasil, assumem uma centralidade nas formas de organização política de insurreições anticoloniais ou de resistência à escravidão. Nesse sentido, o fetichismo também é uma política do desejo, envolvendo outros usos de objetos, materialidades, símbolos e performatividades que se opõem a um sentido hegemônico de resistência e revolução, historicamente marcado pela epistemologia eurocêntrica.

Parte III. Construindo máquinas

{Imprimir}

Nesse percurso pelas linhas deste arquivo do fetichismo, juntamente com as imagens de sua história, podemos perceber tanto sobrevivências, latências e continuidades, quanto desvios e fraturas. Se, como afirmou Pietz, não temos um conceito de fetiche, apenas o seu arquivo, cada uma dessas linhas pode ser pensada como uma impressão no conceito, resíduos, derivas e outras possibilidades discursivas do que o “fetichismo” pode ser.

A noção de “impressão” é mobilizada por Jean-Luc Nancy ao tratar de como o conceito de “*fetichismo da mercadoria*” em Marx não apenas transforma a forma como pensamos, caracterizamos ou conceitualizamos a mercadoria, mas também conforma a sua própria noção de “coisa”. A mercadoria, portanto, se torna o fetiche; a condição de fetiche a constitui de tal forma que não se pode dela separar sem “*alguma perda de substância da própria coisa*” (2001, 140). Deixando de lado a questão propriamente dita do “*fetichismo da mercadoria*” em Marx, interessa-nos destacar o movimento que o autor observa dessa impressão intensiva ou da possibilidade de separação, mas

com perda de substância. Ao subtrair o fetichismo de sua impressão de “*fetichismo da mercadoria*”, subtrai-se essa substância do conceito, separando-se dela para que possa encontrar outras possibilidades.

Nancy resgata o conceito de “impressão” formulado por Jacques Derrida em seu texto *O Mal de Arquivo* (1995) no qual trata da medialidade da memória e do aparato técnico que permite sua exteriorização. Para Derrida, como cada meio imprime a memória no mundo, ele se torna essencial para entender qualquer processo de recordação. “*A estrutura técnica do arquivo*”, escreve, “*determina também a estrutura do conteúdo arquivável em sua emergência e em sua relação com o futuro. O arquivo produz, tanto quanto registra, o acontecimento*” (1997, 24). O sentido do arquivo e aquilo que ele pode oferecer ao futuro está vinculado, necessariamente, à sua condição de prótese, de acoplamento e maquinismo com aquilo que se deseja arquivar.

A impressão torna-se a possibilidade do arquivo. Se a memória demanda superfícies de inscrição e se orienta por sua externalidade, a impressão é sua presentificação e, conseqüentemente, possibilidade de agência. O arquivo, para Derrida, só existe a partir de um exterior que o constitui e o torna dependente dessa impressão. Não é uma memória espontânea, “*tem lugar no lugar do tombo original e estrutural dessa memória (...). Não há arquivo sem um lugar de registro, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem um exterior*” (*Ibid*, 19). Nessa exteriorização, as impressões criam seus próprios arquivos (*Ibid*, 37): arquivos sobre a substância e sobre os modos que deram essa impressão.

A noção de arquivo enquanto suporte — o que garante a existência, permite e condiciona o arquivamento —, entretanto, expõe-no à destruição. Sua materialidade carrega em si a possibilidade de sua destruição — o arquivo “*trabalha sempre e a priori contra si próprio*” (*Ibid*, 24), escreve. Tal como a memória pressupõe o esquecimento, o arquivo pressupõe o “*mal do arquivo*” (*Ibid*, 19-24). Por estar sujeito ao desaparecimento, a impressão tem menos a ver com o passado e mais com o futuro e com a promessa: “*a sobrevivência de um excesso de vida que resiste à aniquilação*” (*Ibid*, 67). Ela permite que o passado dê ao presente novos horizontes de futuro.

Junto à proposta de Derrida, pensar em outras estruturas de arquivo é pensar no arquivo enquanto estrutura: um mapa com movimentos particulares e disposições específicas, uma memória aglutinada de histórias heterogêneas, um nó que se liga a outros nós, um território de disputa de sobrevivências e destruições. Uma estrutura que perturba porque não faz mais do que reorganizar ou ordenar de novo, ou fazer a memória vaguear, andar e vadiar para outros lugares e, então, imprimir novamente. Derrida aproxima sua ideia de arquivo com a de máquina quando trata sobre as estruturas e as técnicas de arquivamento. Para ele, as mudanças nos suportes de arquivo têm implicações jurídicas e políticas para os acontecimentos passados, presentes e futuros. A técnica de arquivo determina o acontecimento arquivável e condiciona acontecimentos futuros. Quando se transformam as formas de arquivar, transformam-se também as de viver e, conseqüentemente, de fazer política de memória.

{Máquinas-dialéticas}

No seu livro *Quando as imagens tomam posição*, George Didi-Huberman dedica-se à interpretação da obra tardia de Bertolt Brecht, *Kriegsfiel* (1955), um álbum composto por fotografias e poemas epigramáticos. Ele convida os leitores a pensar nesses álbuns como “*pequenas máquinas dialéticas*” (Didi-Huberman 2015, 43). Para Didi-Huberman, a máquina dialética é uma engenharia conceitual que, ao ganhar forma material, serve para pensar em ativações de arquivos. Tal qual as montagens nas folhas do álbum de Brecht, essas máquinas produzem choques, interrupções, conjugações e desvios que faz com que os tempos se encontrem ininterruptamente. Uma máquina histórica que, ao acumular, compõe: monta a história, arruma-a, organiza-a, desorganiza-a, interrompe-a e torna visíveis os seus vazios.

Essas máquinas são capazes de fazer colidir tempos, criando livremente palimpsestos ao juntar textos, imagens, linhas, desenhos e intervenções. Elas possuem uma “*força de concentração*” (Didi-Huberman 2015, 42) que transborda a temporalidade cronológica, permitindo observar tempos comprimidos numa imagem, numa palavra ou num objeto. Operam por meio de táticas que tornam visíveis “*certas polaridades, certos conflitos estruturais através dos quais a lição política é deduzida de uma organização espacial da própria montagem*” (Ibid, 47). Elas articulam e produzem agenciamento, organizando espaços e tempos, expondo-os em conjunto para criar uma trama que demonstra como certos espaços criam outros espaços, como certos objetos destroem outros objetos e como imagens destroem outras imagens.

Todo o trabalho com os fatos históricos e sua materialidade torna-se uma teia muito mais complexa quando colocado em operação com a máquina dialética. Segundo Didi-Huberman, diante dessa máquina, a história transforma-se em “*uma rede de relações, nomeadamente uma extensão virtual que pede simplesmente ao observador — mas não há nada de simples nesta tarefa — que multiplique heurísticamente seus pontos de vista*” (Ibid, 56). Através de outro modo de produção da narração ou, como sugere, uma “*tomada de posição (...) no plano das formas (...)*” (Ibid, 57), criam-se condições para se contarem outras histórias.

Para além de inventariar o passado, retomando o conceito de Rolnik, a máquina dialética não deixa de inventar novas leituras e novas formas de apresentá-lo, ampliando seu horizonte de politicidade. Walter Benjamin poderia afirmar que a máquina dialética “*não reproduz estados de coisas [mas] descobre-os. A sua descoberta é feita pela interrupção dos desenvolvimentos*” (1970, 9). Trata-se de uma estética do choque. Ela não apenas produz choques e descontinuidades, mas também extensões, mapas e populações de suportes que revelam simultaneamente diferentes imagens do passado. Operando em fragmentos e interrupções, ela “*cria uma montagem de historicidade imanente, cujos elementos, retirados do real, induzem, pela sua configuração formal, um efeito de conhecimento novo que não se encontra nem na ficção intemporal, nem na factualidade cronológica dos fatos da realidade*” (Didi-Huberman 2015, 58).

Trabalhar com máquinas dialéticas é reconhecer a impureza inata da história (Ibid,

59), ou seja, a total subjetividade em que se ancoram os processos de rememoração e historicização e, ao mesmo tempo, o caráter ficcional da história, sua capacidade de criar novas leituras dos acontecimentos passados e presentes. Essa capacidade de ficcionalizar a história por meio da sua recordação é uma das funções da máquina dialética, fazendo com que a história não seja pensada sem a imaginação que a acompanha.

Conclusão

Neste artigo, busquei explorar a noção de arquivo em relação a certas memórias do conceito de “fetichismo”, aproximando-os e refletindo sobre metodologias próprias para experimentar um arquivo do “fetichismo”. Conceitos como “linhas”, “impressões” e “máquinas dialéticas” foram investigados como formas de experimentação dessas narrativas, tomados como dispositivos de montagem e reconfiguração histórica. A máquina dialética, ao operar sobre as linhas e impressões desse arquivo, desafia sua aparente estabilidade e expõe suas fraturas constitutivas. Maquinar dialeticamente um objeto, uma palavra ou um conceito e procurar expor esse processo não é mais do que arquivar, singularizando os diferentes movimentos da memória por meio da disposição material de sua ruína.

Referências

- Benjamin, Walter. 1970. “¿Qué es el teatro épico?” Em *Brecht: ensayos y conversaciones*, editado por Rolf Tiedemann, 7-15. Madrid: Arca.
- . 2012. “Escavar e recordar”. Em *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense
- . 2013. “Teses sobre o conceito de história”. Em *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Benjamin, Walter, e Sérgio Paulo Rouanet. 1984. *Origem do drama trágico alemão*. São Paulo: Brasiliense.
- Bethencourt, Francisco. 2004. *O imaginário da magia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Binet, Alfred. 1904. *El fetichismo en el amor*. Madrid: A. Marzo.
- Böhme, Harmut. 2014. *Fetishism and culture: a different theory of modernity*. Göttingen: Walter de Gruyter GmbH & Co KG.
- Brivio, Alessandra. 2015. “‘Fetishism’ in the Gold Coast: Wadé Harris and the Anti-Witchcraft Movements.” *Ghana Studies* 18 : 90-120. <https://dx.doi.org/10.1353/ghs.2015.0011>.
- Césaire, Aimé. 2006. *Discursos sobre el colonialismo*. Madrid: Ediciones Akal.
- Deleuze, Gilles. 1999. *Conversaciones*. Valencia: Pre-Textos.
- Derrida, Jacques. 1997. *Mal de archivo: una impresión freudiana*. Valladolid: Trotta.
- Didi-Huberman, Georges. 2015. *Cuando las imágenes toman posición*. Madrid: Antonio Machado Libros.
- Dussel, Enrique D. 1993. *Las metáforas teológicas de Marx*. Estella, Navarra: Verbo Divino.
- Fick, Carolyn E. 1990. *The Making of Haiti: Saint Domingue Revolution From Below*. Knoxville: Univ Tennessee Press.
- Freud, Sigmund. 1992. *Obras completas. Tomo VII. Fragmento de análisis de un caso de histeria (caso Dora). Tres ensayos de teoría sexual, y otras obras (1901-1905)*. Buenos Aires: Amorrurtu editores.
- Iacono, Alfonso Maurizio. 2016. *The History and Theory of Fetishism*. New York: Palgrave Macmillan.
- James, Cyril Lionel Robert. 1989. *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. 20 ed. New York: Vintage Books.
- Kant, Immanuel. 1990. *Observaciones acerca del sentimiento de lo bello y lo sublime*. De Luis Jiménez Moreno, Madrid, Alianza.
- Keane, Webb. 2007. *Christian Moderns: Freedom and Fetish in the Mission Encounter. The Anthropology of Christianity*. Berkeley: University of California Press.
- Marx, Karl. 1982. *Escritos de juventud*. Vol. 1. Buenos Aires: Fondo De Cultura Economica USA.
- . 1996. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural.
- Matory, James Lorand. 2018. *The Fetish Revisited: Marx, Freud, and the Gods Black People Make*. Durham: Duke University Press.
- Menard, André. 2023. *Fetichismo afirmativo*. Santiago de Chile: Ediciones Macul, Programa de Teoría Crítica, Filosofía UMCE.
- Medina, Cuauhtémoc., y Mariana Botey. 2010. “En defensa del fetiche.” *El Espectro Rojo*, Mayo.
- Meyer, Birgit, Peter Pels, and Laurent Dubois. 2003. “The Citizen’s Trance: The Haitian Revolution and the Motor of History.” In *Magic and Modernity: Interfaces of Revelation and Concealment*, edited by Birgit Meyer and, Peter Pels, 1st ed., 103-28. Stanford, Calif: Stanford University Press.
- Mignolo, Walter. 2009. “El lado más oscuro del Renacimiento.” *Universitas humanística* 67 (67): 165-203. <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/univhumanistica/article/view/2135>.
- Morris, Rosalind C., Daniel H. Leonard, and Charles de Brosses. 2017. *The Returns of Fetishism: Charles de Brosses and the Afterlives of an Idea*. Chicago; London: The University of Chicago Press.
- Nancy, Jean-Luc, and Thomas C. Platt. 2001. “The Two Secrets of the Fetish.” *Diacritics* 31 (2): 3-8. <http://www.jstor.org/stable/1566276>.
- Newell, Sasha. 2014. “The matter of the unfetish: Hoarding and the spirit of possessions.” *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 4 (3): 185-213. <https://doi.org/10.14318/hau4.3.013>.
- Pietz, William. 1985a. “Geography, Etymology, and Taste: Charles de Brosses and the Restoration of History.” *L'Esprit créateur* 25 (3): 86-94. <http://www.jstor.org/stable/26284383>.
- . 1985b. “The problem of the fetish, I.” *RES: Anthropology and Aesthetics* 9: 5-17. <https://doi.org/10.1086/RESv9n1ms20166719>.
- . 1987. “The problem of the fetish, II: The origin of the fetish.” *RES: Anthropology and Aesthetics* 13: 23-45. <https://doi.org/10.1086/RESv13n1ms20166762>.

- . 1988. “The problem of the fetish, III a: Bosman’s Guinea and the Enlightenment theory of fetishism.” *RES: Anthropology and Aesthetics* 16 (1): 105–24. <https://doi.org/10.1086/RESv16n1ms20166805>.
- . 1995. “The Spirit of Civilization: Blood Sacrifice and Monetary Debt.” *RES: Anthropology and Aesthetics* 28, 23–38. <https://doi.org/10.1086/RESv28n1ms20166927>.
- Parés, Luis Nicolau, and Roger Sansi, orgs. 2011. *Sorcery in the black Atlantic*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Rodrigues, Nina. 2006. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura.
- Rolnik, Suely. 2009. “Furor de Arquivo.” *Arte & ensaio* 19 (19): 97–105. <https://doi.org/10.60001/ae.n19.p96%20-%20105>.
- Sansi, Roger. 2007. *Fetishes and Monuments: Afro-Brazilian Art and Culture in the 20th Century*. New York: Berghahn Books.
- . 2008. “Feitiço e fetiche no Atlântico moderno.” *Revista de Antropologia* 55 (1): 123–53. <https://doi.org/10.1590/S0034-77012008000100005>.
- Santos, Edmar Ferreira. 2009. *O poder dos candomblés: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia*. Edufba.
- Spyer, Patricia. 2013. *Border fetishisms: Material objects in unstable spaces*. Routledge.
- Taussig, Michael T. 2010. *The Devil and Commodity Fetishism in South America*. Chapel Hill [N.C.]: University of North Carolina Press.

Nota biográfica

Lior Zisman Zalis é doutorando em Pós-Colonialismos e Cidadania Global pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra com o projeto “Espiritualidades Insurgentes e Políticas Encantadas”, financiado pela Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (FCT). É também Pesquisador Associado no Cisneros Institute/ Museum of Modern Art (MoMA) no âmbito do projeto “Bridging the Sacred: Spiritual Streams in 20th-Century Latin American and Caribbean Art” e no projeto “The Crossroad Project: Black Religious Histories, Communities, and Cultures” da Universidade de Princeton. Possui Mestrado em Estudos Comparados de Literatura, Arte e Pensamento pela Universidad Pompeu Fabra, formado em Teoria Crítica e Estudos Museológicos pelo Programa de Estudos Independentes do Museu de Arte Contemporâneo de Barcelona e graduação em Direito com especialidade em “Estado e

Sociedade” pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É também investigador colaborador do Laboratório de Estudos de Antropologia da Política da Universidade Federal do Maranhão e colaborou com espaços como o MACBA, Hangar, La Escocesa, entre outros. Move-se no campo interdisciplinar entre os Estudos Culturais, Antropologia, História, Sociologia nomeadamente em suas articulações com as concepções de religião, política, pós-colonialismo e materialidade.

ORCID

[0000-0003-1980-8627](https://orcid.org/0000-0003-1980-8627)

CIÊNCIA ID

[OC18-A464-D6E3](https://ciencia.id.oc18-a464-d6e3)

Morada institucional

Centro de Estudos Sociais — Largo Dom Dinis, Colégio de São Jeronimo, 3000-143 Coimbra, Portugal

Declaração de conflito de interesses

O autor declara não haver potenciais conflitos de interesse em relação à investigação, autoria e/ou publicação deste artigo.

Para citar este artigo

Zalis, Lior Zisman. 2025. “Toda pedra pode ser oceano: experimentos sobre o “fetichismo” enquanto arquivo.” *Revista de Comunicação e Linguagens* (62): 44-72. <https://doi.org/10.34619/xvrd-6est>

Recebido Received: 2024-07-14

Aceito Accepted: 2025-01-28

© Lior Zisman Zalis. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons Attribution 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>), que permite distribuir, remisturar, adaptar e desenvolver o material em qualquer meio ou formato, apenas para fins não comerciais e desde que seja atribuída a autoria.